

Diversão & Arte



Juliana Monteiro: conversa de amigos para romper a indiferença

Jamil Chade: diálogo para dar sentido a temas espinhosos

Cartas de aflições e utopias

Juliana Monteiro e Jamil Chade lançam hoje o livro **Ao Brasil, com amor**, no qual reúnem 10 cartas trocadas durante a pandemia, sobre angústias e esperanças

» NAHIMA MACIEL

Jamil Chade cobria o auge da pandemia na sede da Organização Mundial de Saúde (OMS), em Genebra, quando se deparou com um texto da jornalista Juliana Monteiro em uma rede social. De Roma, onde mora, ela falava sobre o impacto causado pelo medo, pelo isolamento por um vírus. Chade então se deu conta do quanto o fenômeno que cobria de forma quase técnica, imerso em números e boletins diários, causava sofrimento e angústia no mundo inteiro. “Eu estava na cobertura da OMS, do lado da resposta mundial à pandemia e não via um local em que a cobertura era muito diferente. Os textos dela sobre a pandemia me serviram literalmente de chão para entender e interpretar todo esse movimento de luto, de contágio, de sofrimento e de angústia”, conta. O jornalista teve então a ideia de entrar em contato com Juliana e propor que trocassem cartas. O projeto vingou, os textos acabaram publicados na *Revista Pessoa*, on-line, e, agora, estão reunidos no livro *Ao Brasil, com amor*, que a dupla lança hoje na Livraria da Travessa.

O livro reúne 10 cartas trocadas ao longo dos dois últimos anos. O formato, segundo Chade, foi escolhido por permitir uma certa liberdade temática e estética. “A gente quis tocar nesses temas tão complexos, espinhosos e polêmicos de uma perspectiva intimista, da qual a gente poderia dizer ‘é isso que penso’”, diz. “São cartas que trazem angústias, medos e também utopias. E a gente coincide muito nas utopias. Talvez não nos medos e angústias, mas na estética da utopia, parecemos coincidir. As cartas nos permitiam uma forma de narrar essa tentativa intimista de dar sentido a esses problemas complexos.”

Os textos funcionam como uma conversa. Uma longa conversa sobre o luto, a vida, o medo, mas também sobre o amor. Porque, afinal, falar de amor em tempos de ódio é fundamental. Se Juliana é mais poética, Chade é mais factual. São estilos diferentes, mas que acabam por se complementar. Um Brasil que aguarda a vacina enquanto a Europa relaxa medidas de proteção, uma mãe que se depara com a consciência da mortalidade e a angústia de não controlar o mundo no qual os filhos crescem, as relações entre a pandemia e a crise

climática, o drama da desigualdade no Brasil, são, como aponta Juliana, velhas tragédias que a troca de cartas ajudou a encarar. Para ela, o formato ajuda a criar uma intimidade com o leitor e a tecer uma afetividade. “Queríamos a pegada da carta justamente para trazer quem fosse ler para nossa intimidade e, com isso, trazer afeto”, explica. “E também resgatar de uma certa indiferença que, para mim, talvez seja o sentimento que permite que o ódio circule entre nós. Acho que numa sociedade menos indiferente, o ódio circula menos. Para o ódio circular tão livremente, faltar raízes, ser eleito pelo voto popular para presidir o país, ele conta com boa dose de indiferença.”

Escrever as cartas, para Juliana, também foi uma forma de colocar o pé no chão. Quando a pandemia deu sinais de se instalar, ela trabalhava na escrita do primeiro romance. O lockdown rigoroso na Itália, o crescimento exponencial do número de mortos, o caos nos hospitais, as aulas das crianças suspensas e a total impossibilidade de contato social desgarraram Juliana da história que conduzia o romance. “Quando começou a pandemia, entrei numa crise enorme. Para mim, foi uma porrada, um período muito difícil, e me desinteressei da

história que estava escrevendo, não conseguia escrever uma frase. Então comecei a escrever outra história, ambientada na pandemia, numa tentativa de elaborar o que estava sentindo, vendo, ouvindo e pensando”, conta. Trancada em casa com os filhos e o compa-

nheiro, presa à ficção da escrita e com pouco contato com a realidade fora do apartamento, Juliana encontrou na troca de cartas com Jamil uma maneira de se aterrar, de colocar o pé no chão. “As cartas entraram como um descanso para mim, como se fosse um tempo tirado para conversar, trocar e confidenciar com um amigo”, lembra. As cartas foram escritas até o mês de julho. O combinado era terminar um pouco antes das eleições. Com o arrefecimento da pandemia no mundo, graças à vacinação, a reabertura das fronteiras e a retomada de um cotidiano menos tenso, outros temas passaram a brotar no diálogo entre os autores. A fé, a religião, a guerra da Ucrânia, a desigualdade no mundo, a injustiça, a violência de uma sociedade mundialmente segregada, xenofobia e racista, as eleições, um conjunto de assuntos fontes de angústia e reflexões que levam o leitor a enxergar a si mesmo e a elaborar perguntas para as quais nem sempre há respostas razoáveis.



AO BRASIL, COM AMOR

De Juliana Monteiro e Jamil Chade. Autêntica, 136 páginas. R\$ 54,90. Lançamento hoje, às 18h, na Livraria Travessa (Casa Park)